

Meses de espera e medo da morte

Apesar da diminuição no número de cirurgias, casos evitáveis de infecção hospitalar não param de acontecer no HBDF, de acordo com o cardiologista Luiz Carlos Schimin. Há três semanas, o pedreiro Antônio Costa, 48 anos, foi infectado. Depois de dois meses de espera, ele passou por uma cirurgia para reconstituir uma prótese do coração que impedia a circulação normal do sangue. Por causa da infecção, Costa precisou se recuperar na UTI.

Durante o período de internação, ele dividiu o quarto 221 com três pacientes. Entre eles, Domingos Bezerra, 59 anos, morador de Santa Maria. Ele esperou nove meses por uma cirurgia em duas válvulas do coração, realizada com sucesso no dia 17 de setembro. Ao saber da infecção do amigo, Bezerra sentiu medo. "Vejo tanta gente morrer que quero logo ir embora", desabafa o pai de 10 filhos, ainda internado.

Foi no trabalho, em março do ano passado, que Bezerra passou mal pela primeira vez. Ele estava em uma empresa de reciclagem de lixo, em Ceilândia. Era 1h da madrugada. A vista ficou escura e a sensação foi de estar voando entre as máquinas que misturavam o lixo. Em janeiro deste ano, ele teve uma nova ameaça de parada cardíaca. Bezerra passou então cinco meses tentando uma vaga no HBDF. No hospital, o coração dele quase parou outras três vezes.

Quando recebia autorização para passear pelo HBDF, Bezerra ia direto à Capela de vitral azul. No dia 29 de julho, uma segunda-feira, um dos colegas mais queridos de Bezerra morreu no banquinho em frente à Capela, olhando Nossa Senhora. Era Pedro Alcântara, 22 anos, morador de Taguatinga. "Um menino alto, moreno, religioso, animado, mas que andava triste", lembra.

Em 1999, Pedro foi operado pela primeira vez no hospital. Mas há dois meses os médicos avisaram que ele teria de ir à São Paulo avaliar a necessidade de um transplante, procedimento que não é feito no DF por falta de infra-estrutura. "Não tínhamos dinheiro para custear a viagem", conta Alton Souza, irmão de Pedro. "Uma semana depois que ele morreu, ligaram da Secretaria de Saúde (que deve arcar com os custos nestes casos) dizendo que a papelada para viagem estava pronta."

DOUTORES EM DESESPERO

Os médicos do Hospital de Base que permanecerem omissos diante dos problemas podem ser responsabilizados pela crise na instituição. Estão sujeitos a processos e advertências do Conselho Regional de Medicina. "Infelizmente, ao não operar e manter-se em silêncio, o médico corre o mesmo risco de ser processado caso algo de errado ocorra na cirur-

gia por falta de equipamentos. É pressão de todos os lados", lamenta Jarbas Dinkhuysen, vice-diretor do departamento de cirurgia cardiovascular da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Segundo ele, o medo de retaliações e perda de benefícios, como horas extras, é suficiente para calar a maioria dos profissionais. Mas existem exceções. Como o cardiologista Luiz Carlos Schimin, ex-chefe da unidade de cirurgia cardíaca do HBDF. Cansado de enviar memorandos assinados por colegas de equipe à diretoria do Hospital e à Secretaria de Saúde, ele entregou cópias dos documentos à Justiça. A iniciativa colocou o especialista em cirurgia infantil em confronto com a diretoria. Depois de 20 anos de trabalho na instituição, o médico pediu afastamento do cargo de chefe da cirurgia. "Nunca tive a intenção de prejudicar instituição", explica o médico. "Trabalho exclusivamente aqui porque meu vício é ver casos desafiantes."

Um dos problemas na Cardiologia que mais marcaram Schimin aconteceu em maio deste ano. Ele se preparava para transportar uma mulher de 49 anos para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) — dois andares acima da Cardiologia. A paciente havia passado por uma cirurgia aorta, maior artéria do coração. Com as enfermeiras, Schimin retirou a paciente da mesa cirúrgica e passou para a maca. Faltava apenas conectá-la a um cilindro de oxigênio móvel. Ao tentar fazer isso, o médico percebeu que o oxigênio estava vazando. Pediu outro cilindro às enfermeiras, que não encontraram nenhum em bom estado. A paciente começou a passar mal e teve de ser levada às pressas para o respirador da sala de cirurgia. Esteve à beira de uma parada cardíaca. Schimin tirou o jaleco e foi à diretoria reclamar. Mesmo assim, só 30 minutos depois conseguiu um cilindro de oxigênio novo para transportar a mulher para a UTI.

A revolta e o medo de novas mortes na unidade levarão o cardiologista a entregar para a Justiça os documentos enviados para os diretores entre dezembro de 2001 a julho deste ano. Com o passar do tempo, as condições de trabalho pioraram e os relatos ficaram cada vez menos técnicos e mais emocionais. Em um deles, os cardiologistas desabafam:

18 DE MARÇO DE 2002

"...temos sentido que todo o nosso esforço, dedicação e trabalho não conseguem mais vencer a burocracia dominante, e a nossa especialidade na rede pública não está incluída na prioridade de política pública de saúde da Capital da República."

MEMORANDO 65/2001, DA COORDENAÇÃO DE CIRURGIA CARDÍACA DA SES/DF E DA CHEFIA DA UNIDADE DE CIRURGIA CARDÍACA DO HBDF À DIRETORIA DO HOSPITAL.

MEMÓRIA

A infecção de Tancredo Neves

Duas grandes crises por motivos totalmente diferentes. Atualmente, o Hospital de Base tem credibilidade de sobra, mas aparelhos e remédios de menos. Há 17 anos, a situação era inversa. A reputação dos médicos e do hospital foi abalada pela desastrosa divulgação do estado de saúde do presidente Tancredo Neves. Ele foi internado com fortes crises abdominais e operado, no dia 14 de março. Falou-se que ele sofria de uma espécie de apendicite intestinal. Na verdade, tinha um tumor intestinal, do tamanho de um limão, perfurado. As fezes vazaram e ele já chegou infectado no

HBDF. A notícia foi abafada. Tancredo seria o primeiro presidente civil depois de 20 anos de ditadura militar. No meio da confusão, o cirurgião paulista Henrique Pinotti foi chamado. Os jornais da época contam que ele proibiu a entrada dos colegas de Brasília no quarto do presidente. Decidiu operar o presidente pela segunda vez. Ele chegou a afirmar: "Brasília tem excelentes aparelhos. O que falta é cérebro". Quando o quadro complicou ainda mais, Pinotti jogou a culpa da infecção no HBDF e transferiu Tancredo para o Hospital das Clínicas, em São Paulo. Houve mais três cirurgias e o presidente não resistiu. Ele morreu dia 21 de abril. Apesar de o verdadeiro motivo da morte ter sido esclarecido, o HBDF teve de conviver com a má fama durante anos.